

**Uma viagem entre linha e ponto que vale um conto:
a construção de um diário de bonecagem**

Anibal Pacha

Universidade Federal do Pará – UFPA (Belém)



Fio de pão, a lenda da Cobra Norato (1997). In Bust Teatro com Bonecos. Direção de Paulo Ricardo Nascimento. Foto de Milton Aires.



E aí, macaco (2008). In *Bust Teatro com Bonecos*. Direção de Paulo Ricardo Nascimento. Foto de Milton Aires.



Pinóquio (2012). In *Bust Teatro com Bonecos*. Direção de Maurício Franco. Foto de Anibal Pacha.

Resumo: Este artigo traça possibilidades do fazer no Teatro de Animação revelando os procedimentos de um processo criativo a partir do encontro de um Bonequeiro com seu Aprendiz. Para apresentar esses procedimentos, construímos um texto em estrutura de narrativa criativa, entrelaçando dois personagens que vão se tramando entre os rastros deixados do diário de viagem do Bonequeiro e as intervenções do Aprendiz de bonecagem com suas observações sobre o que lê e cria em sua imaginação sobre essa aventura. Para isso, convoca seus mentores Cecília Salles e Paes Loureiro para identificar melhor esses rastros deixados por esse diário no caminho processual e que vão revelando os procedimentos de criação e aprendizagem que o Bonequeiro desenvolveu e viveu com as crianças da comunidade de Camiranga.

Palavras-chave: Processo criativo. Teatro de Animação. Aprendizagem.

Abstract: This article traces possibilities in theater and puppet theater making revealing the procedures of a creative process from the meeting of a puppeteer with his apprentice. In order to present these procedures, we constructed a text in a structure of creative narrative, interweaving two characters who are created between the tracks left from the puppeteer's travel diary and the interventions of the puppet apprentice with his observations on what he reads and creates in his imagination about this adventure. In order to do this, he summons his mentors Cecilia Salles and Paes Loureiro to better identify those traces left by this diary on the procedural path that reveal the creation and learning procedures that the puppeteer developed and lived with children from the community of Camiranga.

Keywords: Creative process. Puppet theater. Learning.

Tarde de domingo com muita chuva despencando do céu. O dia parece longo, e a chuva não dá trégua. Inquieto em uma cadeira, comecei a mexer em tudo com meus olhos. O casarão do Bonequeiro é um paraíso de desassossegos e imaginação. Não preciso sair de onde estou para me aproximar de cada detalhe daquela sala imensa com cores, coisas e histórias. O Bonequeiro não está. Enquanto aguardo por sua volta, sigo o meu deslumbre por suas coisas que parecem ter vida própria: quadros, esculturas, mesas e cadeiras customizadas, vasos antigos e bonecos, muitos bonecos, de todos os tamanhos (pequenos, médios, grandes, gigantes e miniaturas), dos mais variados materiais (de madeira, de miriti, de espuma, de pano, de papel machê, de biscuit, de plástico), e dos mais variados tipos (de vara, de fio, de luva). Em meio àquele mundo encantado de bonecos, quase esqueço que estou ali em busca de algumas orientações para uma oficina de bonecos que irei desenvolver com as crianças da Vila da Barca¹ no período das férias. O fascínio com o lugar só é interrompido quando aquilo que eu acreditava ser um boneco em tamanho natural, sentado na mesa de bonecagem, me estende a mão oferecendo um caderno. Dou uma estremecida, meu coração acelera, a respiração fica ofegante, meus olhos se esbugalham diante da criatura que vem ao meu encontro e diz:

– Pegue! É meu caderno de bonecagem!

Aquela voz suave, aquele olhar terno carregado de experiência. Caramba, que susto. Era o Bonequeiro que estava ali já havia algum tempo. Ele coloca o caderno no meu colo e arremata:

– Isso é tudo que tu precisas!

O Bonequeiro volta para sua mesa. Recomposto do susto, começo a folhear o caderno, aleatoriamente. A página que está marcada com um bilhete rodoviário com destino a Camiranga² me chama a atenção. Algo me diz que ali existem segredos preciosos.

¹ Comunidade que vivia em palafitas na margem da Baía do Guajará, bairro do Telégrafo, Belém do Pará.

² Comunidade quilombola localizada na fronteira dos Estados do Pará e do Maranhão. Segundo dados do IBGE, em 2010, o quilombo possuía 233 indivíduos.

Resolvo desbravar aquelas páginas e, não sem surpresa, me delicio com as histórias que o Bonequeiro viveu naquela comunidade.

De repente, BUUUMMM!... Faltou luz. A escuridão que invadiu o lugar foi o suficiente para provocar em todos nós a vontade de brincar de contar de histórias. Logo, a mesa da cozinha, iluminada por algumas velas, se viu cercada de crianças ávidas de curiosidades. Dedé, Anelita e Dona Páscoa³ se empolgaram e começaram a contar causos. As crianças só ouvindo, com os olhos acesos. As histórias eram sobre as pessoas daqui de Camiranga que viravam bicho ou do cheiro de bode que aparecia nos caminhos, ou da Mãe D'água que dormiu na rede com o Dedé ou ainda da cobra do redemoinho que fica no Rio Gurupi. Essa do redemoinho, foi Anelita quem contou. Era sobre um casal que foi tomar banho no Rio Gurupi. No caminho, uma velha disse para eles não irem, mas eles não ouviram e se transformaram numa aranha e numa cobra que agora vivem lá no fundo do rio, exatamente onde fica uma passagem que leva até os lençóis maranhenses. Dizem que, de vez em quando, do centro do redemoinho, é cuspidos um monte de folhas que saem sequinhas; teve gente que desceu até lá e viu uma cidade inteira lá em baixo. De repente, a luz voltou.

– Que fantástico! Exclamei num suspiro, extasiado com aqueles causos. Surgia, naquele momento, a sensação de ter descoberto o motivo de tudo. Ainda sentado e com os olhos brilhando na direção daquele caderno de bonecagem, percebi, naquelas poucas linhas que acabara de ler, como o Bonequeiro começou a ser afetado pela comunidade de Camiranga numa percepção de olhares, vida e obra. Alegre com esta primeira descoberta, exclamei em voz alta: – Incrível. Acabei de ver, nesta passagem que li, um exemplo prático do pensamento de Cecília Salles (2008, p. 25): a obra artística é um sistema aberto de múltiplas trocas entre o artista e sua cultura, entre o artista e o meio em que ele está inserido, entre o Bonequeiro e Camiranga.

O Bonequeiro sorriu e respondeu: – É verdade. De Camiranga,

³ Liderança Comunitária de Camiranga.

tenho lembranças muito boas: um ambiente cheio de sombras e histórias, imaginação e brincadeiras. Foi isso que me potencializou e me motivou a criar um espetáculo com Teatro de Animação utilizando características dramáticas muito particulares daquele lugar.

As palavras do Bonequeiro me deixaram cúria para continuar a leitura de seu caderno de bonecagem. Retribuo, então, o sorriso e continuo a leitura.

Nem me passava pela cabeça trabalhar com as crianças e muito menos Teatro de Animação, pelo menos eu pensava assim. Fiquei literalmente envolvido com e por elas. Todos os dias, eu era rodeado pela curiosidade dos seus olhos. Descubro, nesse momento, que, uma vez bonequeiro, sempre bonequeiro. Não precisei resistir muito, bastou olhar para o entorno, que tudo virou coisa de manipulação para cena.

Na expectativa de continuar dialogando com o Bonequeiro, exclamo com entusiasmo: – Engraçado. Em um simples relato de experiência, eu percebo alguns conceitos lidos e estudados e que agora eu consigo vislumbrar neste caderno. A conversão semiótica, por exemplo. Este conceito de João de Jesus Paes Loureiro (2007, p. 11), que se aproxima do trabalho do bonequeiro quando propõe uma mudança na qualidade do signo dos objetos conforme seu deslocamento nos diferentes campos de relações. Quer dizer, quando o senhor se relaciona com a comunidade de Camiranga, estabelece um livre jogo com as situações e tensões culturais daquele lugar.

O Bonequeiro, embora continue com o sorriso entre os lábios, desta vez nada responde. Resolvo, então, ir até a página inicial do caderno para entender melhor o que aconteceu durante seu trabalho em Camiranga.

Saí de casa às 5h30min em direção à rodoviária para pegar o ônibus que vai me levar até o Rio Gurupi, que faz divisa do Pará com o Maranhão. Quando chegamos a Cachoeira do Piriá, pedi para o cobrador avisar o motorista que eu iria descer em Boa Vista do Gurupi, depois da ponte, já do lado do Maranhão.

Para chegar a Camiranga, desci por debaixo da ponte e peguei

um barco que me levou, beirando o rio, até a comunidade distante dali cerca de 45 minutos. Chegando à comunidade, desci do barco com água na altura das coxas e com minhas coisas nas costas e na cabeça. Andei, então, por um caminho entre vegetações, de cerca de 100 metros, até avistar o campo de futebol e as casas ao redor. O rio estava cheio. É tempo das grandes águas. Dona Páscoa estava sentada na porta de sua casa, que fica logo na entrada da vila. Ela já estava me esperando junto com sua filha, Anelita, que estava dando



Os 12 trabalhos de Hércules (2001). In *Bust Teatro com Bonecos*. Direção de Adriana Cruz. Foto de André Mardock.

de mamar para sua filhinha de sete meses. Elas me receberam com um sorriso cativante. Eu me senti acarinhado logo de cara. Parecia que eu estava reencontrando pessoas que eu já conhecia.

Meu objetivo, naquela viagem, era ministrar uma oficina com as mulheres da comunidade para estimular a confecção de bonecos que apresentassem sua identidade cultural, bonecos para vendas e geração de renda. Essa oficina era vinculada ao Programa Raízes, solicitada pela própria comunidade e mediada pela Fundação Curro Velho. Era uma oficina de apenas 40 horas no planejamento da Fundação Curro Velho, mas que se estendeu por quase quatro meses – de abril a julho de 2006 – por conta do meu envolvimento com a comunidade.

Lendo aquelas páginas, me mantinha reflexivo, mas deixei escapar um pensamento, misto de devaneio e entusiasmo: – “Daria tudo para ser um boneco e ser levado pelo Bonequeiro para Camiranga. Assim, poderia ver tudo de pertinho!”. Subitamente, me lembro do que fui fazer na casa do Bonequeiro e, preocupado, falo alto, na expectativa de que ele me responda: – “Não sei como vou ser recebido na Vila da Barca! Mas já percebi que os laços afetivos são importantíssimos. Eles tramam conexões, possibilitam uma rede de criação que se define em seu próprio processo de expansão: são as relações que vão sendo estabelecidas, durante o processo, que constituem a obra” (SALLES, 2008, p. 26).

Embora continue me esforçando para dialogar com o Bonequeiro, ele continua absorto sem me responder nada. Volto para a leitura do caderno de bonecagem.

Ontem, quando chequei à comunidade, reparei que, pelos caminhos por onde andei, havia bastante descartáveis plásticos pelo chão, e isto me incomodou muito. Pequei um frasco de desodorante e só com cortes, com uma tesourinha, construí uma cabeça de boneco. Dei de presente para uma menina que me observava. Hoje, todas as outras crianças queriam uma. Eu aproveitei para brincar de “boca de forno” com as crianças, enquanto esperava as mulheres da comunidade para a oficina. – Boca de for... Forno! Jacarandá...

Dá! O que eu mandar... For! E se não for... Apanha um bolo! As crianças respondiam com entusiasmo aos comandos da brincadeira. Continuei brincando: – Quero que peguem os frascos de plástico que encontrarem pela frente! Num passe de mágica, saíram catando tudo que viam pela frente. Então, construí algumas cabeças de bonecos e pedi para elas contarem, com esses bonecos, histórias das pessoas daquele lugar. Aproveitei a porta do puxadinho para o suporte da brincadeira.

– Que grande sacada!!!, exclamei, dando um salto exultante. Sem conter o ímpeto, continuo falando me dirigindo para as coisas que me cercavam naquela sala: – Foi assim que ele tramou os primeiros movimentos para o processo criativo com as crianças no Teatro de Animação. O vínculo com o entorno e com as pessoas é a chave para disparar o processo criativo. Caminhando em frenesi pela sala com o caderno de bonecagem na mão e com a testa suando, exclamo: – Preciso visitar a Vila da Barca. O entusiasmo é tamanho, que volto para a leitura caminhando por toda a sala.

Repente era o meu perfume de todos os dias. Dormia na rede com mosquitoireiro e não me aproximava do rio depois das 18 horas. O marido de Dona Páscoa, o Meioquilo, estava com três cruzeiras de malária. As crianças dominaram a turma, apenas quatro mulheres apareceram neste dia. Não posso deixar de trabalhar com as crianças. Combinei com elas que trabalharíamos segunda e quarta-feira, e que iríamos construir fantoches para montar um espetáculo para ser apresentado no Dia das Mães, 13 de maio. Elas toparam. Então, em outro horário, paralelo com a oficina das mulheres, começamos a construir os bonecos.

Cecília Salles grita pela minha boca: “– Nossa educação nos ensinou a separar e isolar as coisas. Separamos seus objetos de seus contextos, separamos a realidade em disciplinas compartimentadas umas das outras” (SALLES, 2008, p. 18). O bonequeiro está tomado pela memória e nem reage ao meu grito. Está claro o que ela aponta, me dirigindo ao bonequeiro: “– A realidade é feita de laços e interações, e nosso conhecimento é incapaz de perceber o

complexo – aquilo que é tecido em conjunto”. O Bonequeiro nem me dirige o olhar. Vou continuar lendo em voz alta para provocar o bonequeiro a reagir às minhas provocações.

No início, as crianças precisaram aprender a costurar com agulha de mão. Distribui agulhas, linha de crochê, pedaços de tecidos para o treinamento da costura em laçada e reta. Aproveitei o momento para observar a habilidade de cada um. Apenas dois, Alex e Leonildo, de 8 anos, tiveram dificuldade. Coloquei os dois como meus assistentes dentro da oficina. O Alex topou, mas o Leonildo preferiu brincar lá fora. Alex tem me acompanhado bastante em tudo que faço desde quando cheguei. Terminando este primeiro momento, passei para a construção do fantoche de cabeça de pino. No lugar do tubo do pescoço para enfiar o dedo, colocamos um pedaço de madeira para segurar com a mão. Ficava mais fácil para as crianças manipularem. O primeiro passo foi a construção do pescoço de madeira revestido com tecido cru, costurado à mão com linha branca. O segundo passo foi amassar uma folha de papel para ser o enchimento da cabeça. O terceiro passo foi costurar a cabeça no pescoço. Todos se saíram muito bem, e os adultos que estavam neste momento (duas eram professora) me ajudaram bacana com a garotada. Terminamos às 18h30min, arrumamos tudo, e fui tomar banho. Esta é a parte mais difícil, pois tenho que pegar água no poço que fica na casa de Dona Lúcia bem em frente ao Centro Comunitário onde estou dormindo. Carregava um balde de água para cada banho por cerca de 30 metros de distância. O banho é de cuia no reservado que fica bem do lado do quarto. Depois, estendi minha rede, me passei repelente e estou escrevendo este diário. Amanhã, será outro dia. Bons sonhos sem mosquito, digo, malária.

Viro a página e continuo lendo em voz alta.

Acabei de comer e fui juntar os ramos de palha de arroz da colheita do pastor Antônio. Ele deixou para mim quando debulhou, há uns três dias, aqui no salão do Centro Comunitário. Achei que poderia fazer alguma coisa com aquilo. Separei uns 17 maços e com o resto comecei a fazer uma grande corda que depois virou uma grande cobra de uns 15 metros. Alex cortou o cabelo. Ele e mais

algumas crianças me ajudaram a enrolar o fio juntando as palhas de arroz para construir a grande cobra. As crianças insistentemente me perguntavam para que era aquilo, e eu inventei uma história sobre uma cobra que come rato, e que eu ia colocar no meu quarto para me proteger, já que na casa de Dona Páscoa tinha uma jiboia no telhado, eu ia ter a minha cobra de palha de arroz.



Bonecos fantoches confeccionados com tecido e palha de arroz. (2006). Oficina em Camaringá. Foto de Anibal Pacha.

Neste instante, o Bonequeiro sai da sala em um movimento bem lento. Eu paro de ler e acompanho o seu andar até desaparecer. Aproveito pra fazer algumas anotações de lápis no meu próprio bloquinho de papel e continuo lendo, mas agora em voz baixa.

Perguntei para Dona Páscoa se poderia usar a igreja, que parece abandonada, para trabalhar amanhã com as crianças, porque o puxadinho é pequeno. Ela disse que sim, então, eu pequei a vassoura e fui dar uma geral no lugar. Com São Benedito e São Sebastião me olhando, fiz o que pude com a quantidade de sujeira e cocô de morcego.



Ensaio na igreja abandonada com os bonecos e a empanada. (2006). Oficina em Camaringá. Foto de Anibal Pacha.

Parando a leitura para fazer outra anotação, escrevo no meu bloquinho: – “Não posso esquecer de escolher o lugar da oficina. É fundamental para decidir quantas crianças vão estar no trabalho”. Guardando o lápis na orelha direita, continuo a leitura:

Quando as crianças chegaram, comecei com a atividade física usando a cobra de palha de arroz como obstáculo. Com a cobra estendida no chão, pedi para caminharem bem perto, sem pisar nela, depois, pular de um lado para outro em zigue-zague e, por fim, com os pés cruzados e em dupla. Dividi as crianças em dois grupos, e começamos a manipular a cobra, um grupo de cada vez, primeiro lento e depois rápido, com ela no lado direito, esquerdo e em cima. Acabaram por arrebentar a cobra no meio.



Exercício de obstáculos com a cobra feita de palha de arroz. (2006). Oficina em Camaranga. Foto de Anibal Pacha.

Passamos, depois, para a atividade de desenhar. Dividi o grupo em três e distribuí papel A4 e uma caixa de lápis de cera para cada grupo. A minha orientação foi para desenharem uma história que eles conhecessem, que fosse assustadora e que tivesse acontecido em Camiranga. Todos terminaram, e eu distribuí a merenda. Depois da merenda, cada grupo contou a sua história.

A primeira história foi sobre um homem com seu jumento na campina. Chega um outro e pede para dividir o roçado. Por conta da ganância no tamanho da terra, eles se desentendem. Os dois filhos de um deles chegam e veem a briga. Um dos homens pega uma espingarda e atira no dono do jumento; um dos filhos vai atrás do que atirou, e o outro fica com o pai baleado, que cai em cima do jumento e morre. O jumento leva o corpo até o centro da vila, bem no meio do campo de futebol.

A segunda foi do homem que virava jumento. Ele vai para o mato e convida um compadre para ir com ele. Chegando lá, ele



Cena da *História do homem com seu jumento*. (2006). Oficina em Camaringá. Foto de André Mardock.

transforma o amigo em jumento e o faz trabalhar na roça dele. No final do trabalho, ele desvira. O sujeito se sente cansado e não sabe por quê. Um caçador, vendo isso, dá um jeito de ser levado para o mato para ser transformado em jumento. Só que, chegando lá, ele obriga, com a espingarda, a ser transformando em jumento. O homem atende ao seu pedido, e o caçador se transforma em jumento para sempre.

A terceira foi sobre uma família na qual a mãe é evangélica, e o pai, um bêbado. Eles têm duas filhas: uma evangélica e a outra revoltada. A filha revoltada foge de casa e vai pra casa de uma vizinha que também é evangélica e acaba por doutrinar a revoltada. As duas voltam para a casa da mãe na hora em que o pai chega de porre e quer comer, e não tem nada. O pai briga com todos... E ficou só por aí, pois eles ainda não sabem como terminar.

Depois disso, contamos o número de personagens de cada história, e eu distribuí os bonecos fantoches que eles confeccionaram na segunda passada. Está pronta a base do boneco, só faltam as características dos personagens. Distribuí agulhas e linha de crochê para o bordado dos olhos, bocas e colocar os cabelos.

Escolhi duas crianças de cada grupo para desenhar, com lápis de cera, o pano de tecido cru que servirá de suporte cenográfico para a apresentação. A orientação foi para que eles desenhassem o local em



Pintura da empanada do espetáculo. (2006). Oficina em Camaranga. Foto de Anibal Pacha.

que aconteceu cada história. Um fez uma floresta; outro, uma roça; e o terceiro, a vila de casas de Camiranga. Mais dois de cada grupo foram construir com palha de arroz os chapéus, as espingardas, o jumento e outros objetos que vão ser utilizados pelos bonecos.

O Bonequeiro voltou inesperadamente para a sala com um boneco na mão. Me entrega dizendo: – Esse foi um presente das crianças para mim. Agora é teu! Aperto o presente entre as mãos com os olhos fixos no Bonequeiro.

Escuto Paes Loureiro reverberando na imensidão de mim, dizendo que os valores criados pelos homens, é pelos homens que eles existem. E a cultura tece o espaço de legitimidade, continuidade e renovação desses valores. O processo cultural, portanto, é viver com amor a plenitude da existência humana (2007, p. 17).

Tarde de domingo com muita chuva despencando do céu. Sinto meu corpo sacudir e percebo que não estou mais na casa do Bonequeiro. Estou no meio do salão da comunidade da Vila

da Barca em um grande abraço com as crianças, que estão com as mãos cheias de bonecos no final da apresentação. Compreendi que o Teatro de Animação me deu essa possibilidade de afetar e de ser afetado. Neste sentido, o processo de aprendizagem existe por caminhos e lugares nos quais o simbólico é estabelecido como prioridade nas relações cênicas no Teatro de Animação.

REFERÊNCIAS

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *A conversão semiótica: na arte e na cultura*. Belém: EDUFPA, 2007.
- SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Horizonte, 2008.